

Esta não é uma era de certezas, mas de contradições | Carta semanal 14 (2022)



Henry Moore (Grã-Bretanha), Abrigo de tubo cinza, 1940.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

É difícil entender as profundezas do nosso tempo, as guerras terríveis e as informações confusas que correm sem muita sabedoria. As certezas que inundam as ondas de rádio e a internet são fáceis de encontrar, mas são elas derivadas de uma avaliação honesta da **guerra na Ucrânia** e das sanções contra os bancos russos (parte de

uma política mais ampla de sanções dos EUA que agora **aflige** aproximadamente trinta países)? Reconhecem a terrível realidade da **fome** que aumentou devido a esta guerra e as sanções? Parece que muitas das “certezas” são retiradas da “mentalidade da Guerra Fria”, que vê a humanidade irreversivelmente dividida em dois lados opostos. No entanto, não é esse o caso; a maioria dos países está lutando para elaborar uma abordagem não alinhada à “nova Guerra Fria” imposta pelos EUA. O conflito da Rússia com a Ucrânia é um sintoma de batalhas geopolíticas mais amplas que vêm sendo travadas ao longo de décadas.

Em 26 de março, o presidente dos EUA, Joe Biden, definiu algumas certezas a partir de sua perspectiva no Castelo Real de Varsóvia (Polônia), **chamando** a guerra na Ucrânia de “uma batalha entre democracia e autocracia, entre liberdade e repressão, entre uma ordem baseada em regras e uma governado pela força bruta”. Esses binarismos são uma total fantasia da Casa Branca, cuja atitude em relação à “ordem baseada em regras” não está baseada na Carta da ONU, mas nas “regras” que os EUA pronunciam. As antinomias de Biden culminaram em um objetivo político: “Pelo amor de Deus, esse homem não pode permanecer no poder”, disse referindo-se ao presidente da Rússia, Vladimir Putin. A estreiteza da abordagem de Biden ao conflito na Ucrânia levou a um apelo público à mudança de regime na Rússia, um país de 146 milhões de pessoas cujo governo possui **6.255 ogivas nucleares**. Com a história violenta dos EUA de controle de liderança em vários países, declarações imprudentes sobre mudança de regime não podem ficar sem resposta. Elas devem ser universalmente contestadas.



Juss Piho (Estônia), *Jornada*, 2009.

O eixo principal da guerra da Rússia não é realmente a Ucrânia, embora seja hoje a região que mais sofre. Mas sim se a Europa pode ou não ter permissão para forjar projetos independentemente dos EUA e de sua agenda do Atlântico Norte. Entre a queda da URSS (1991) e a crise financeira mundial (2007-2008), a Rússia, as novas repúblicas pós-soviéticas (incluindo a Ucrânia) e outros Estados do Leste Europeu buscaram se integrar ao sistema europeu, incluindo *Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan)*. A **Rússia aderiu** ao processo de Parceria para a Paz da Otan em 1994, e sete países da Europa do Leste (incluindo a Estônia e a Letônia que fazem fronteira com a Rússia) **aderiram à Otan** em 2004. Durante a crise financeira global, tornou-se evidente que a integração no projecto europeu não seria totalmente possível por conta de vulnerabilidades na Europa.

Na Conferência de Segurança de Munique, em fevereiro de 2007, o presidente **Vladimir Putin desafiou a tentativa dos EUA de criar um mundo unipolar**. “O que é um mundo unipolar?”, perguntou Putin. “Não importa como embelezamos esse termo, significa um único centro de poder, um único centro de força e um único mestre”. Referindo-se à retirada dos EUA do Tratado de Mísseis Antibalísticos em 2002 (que ele **criticou** na época) e à ilegal Guerra do Iraque dos EUA em 2003, Putin disse: “Ninguém se sente mais seguro porque ninguém pode se esconder atrás da lei internacional”. Mais tarde, na Cúpula da Otan de 2008 em

Bucareste (Romênia), Putin alertou sobre os perigos da expansão da Otan para o leste, fazendo lobby contra a entrada da Geórgia e da Ucrânia na aliança militar. No ano seguinte, a Rússia fez parceria com Brasil, China, Índia e África do Sul para **formar o bloco BRICS** como uma alternativa à globalização conduzida pelo Ocidente.



Yang Fudong (China), *Sete intelectuais na Floresta Bambu Parte IV*, 2006

Durante gerações, a Europa dependeu das importações de gás natural e petróleo bruto, primeiro da URSS e depois da Rússia. Essa dependência da Rússia aumentou à medida que os países europeus tentaram acabar com o uso de carvão e energia nuclear. Ao mesmo tempo, a **Polônia** (2015) e a **Itália** (2019) assinaram a Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR) liderada pela China. Entre 2012 e 2019, o governo chinês também formou a **Iniciativa 17+1**, ligando dezessete países da Europa Central e Oriental ao projeto da ICR. A integração da Europa na Eurásia abriu as portas para sua independência em política externa. Mas isso não foi permitido. Toda a simulação da “Otan global” – **articulada em 2008** pelo secretário-geral da Otan, Jaap de Hoop Scheffer – fez parte do desestímulo a esse desenvolvimento.

Temerosos das grandes mudanças ocorrendo na Eurásia, os EUA atuaram nas frentes comercial e diplomática/militar. Comercialmente, os EUA tentaram substituir a dependência europeia do gás natural russo **prometendo** fornecer à Europa Gás Natural Liquefeito (GNL) de fornecedores dos EUA e de países do Golfo Árabe. Como o GNL é muito mais caro do que o gás canalizado, não foi um acordo comercial atraente. Os desafios aos avanços chineses em soluções de alta tecnologia – particularmente em telecomunicações, robótica e energia verde – não podiam ser sustentados pelas empresas do Vale do Silício, então os EUA

lançaram mão de dois outros instrumentos de força: primeiro, o uso da retórica da Guerra ao Terror para banir empresas chinesas (reivindicando considerações de segurança e privacidade) e, segundo, manobras diplomáticas e militares para desafiar o senso de estabilidade da Rússia.



Sadamasa Motonaga (Japão), *Vermelho e Amarelo*, 1963.

A estratégia dos EUA não foi totalmente bem-sucedida. Os países europeus perceberam que não havia substituto efetivo tanto para a energia russa quanto para o investimento chinês. Proibir as ferramentas de telecomunicações da Huawei e impedir a certificação do NordStream 2 só prejudicaria o povo europeu. Isso era claro. Mas o que não ficou tão claro foi que os EUA simultaneamente começaram a dismantelar o arranjo que mantinha a confiança de que nenhum país começaria uma guerra nuclear. Em 2002, os EUA abandonaram unilateralmente o Tratado de Mísseis Antibalísticos e, em 2018-19, deixaram o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário. Os países europeus desempenharam um papel fundamental no estabelecimento do Tratado em 1987 por meio do movimento de “congelamento nuclear”, mas o abandono do tratado em 2018-19 foi recebido com relativo silêncio por parte dos europeus. Em 2018, a Estratégia de Segurança Nacional dos EUA mudou de seu foco na Guerra Global ao Terror para a **prevenção** do “ressurgimento da competição estratégica de longo prazo” de “**rivais próximos**”, como China e Rússia. Ao mesmo tempo, os países europeus começaram a realizar exercícios de “liberdade de navegação” através da Otan no Mar Báltico, no Mar Ártico e no Mar da China Meridional, enviando mensagens ameaçadoras à

China e à Rússia. Esses movimentos efetivamente aproximaram muito a China e a Rússia.

A Rússia indicou em várias ocasiões que estava ciente dessas táticas e defenderia suas fronteiras e sua região com força. Quando os EUA intervieram na Síria em 2012 e na Ucrânia em 2014, esses movimentos ameaçaram a Rússia com a perda de seus dois principais portos de águas quentes (em Latakia, Síria e Sebastopol, Crimeia), razão pela qual a Rússia anexou a Crimeia em 2014 e interveio militarmente na Síria em 2015. Essas ações sugeriram que a Rússia continuaria a usar suas forças armadas para proteger o que considera seus interesses nacionais. A Ucrânia então fechou o canal da Crimeia do Norte que trazia à península 85% de sua água, forçando a Rússia a abastecer a região com água pela ponte do estreito de Kerch, construída a um custo enorme entre 2016 e 2019. A Rússia não precisava de “garantias de segurança” da Ucrânia, ou mesmo da Otan, mas buscou-as nos Estados Unidos. Havia medo em Moscou de que os EUA colocassem mísseis nucleares de alcance intermediário ao redor da Rússia.



Evgeny Trotsky (Rússia), *Descanso*, 2016.

À luz dessa história recente, as contradições sacodem as respostas da Alemanha, Japão e Índia, entre outros. Cada um desses países precisa de gás natural russo e petróleo bruto. Tanto a Alemanha quanto o Japão sancionaram os bancos russos, mas nem o chanceler alemão, Olaf Scholz, nem o primeiro-ministro japonês Fumio Kishida podem **cortar as importações de energia**. A Índia, apesar de fazer parte do Quad, apoiado pelos EUA, juntamente com o Japão, recusou-se a aderir à condenação da Rússia e às sanções ao seu setor

bancário. Esses países têm que administrar as contradições do nosso tempo e pesar as incertezas. Nenhum Estado deve aceitar as chamadas “certezas” que reforçam a dinâmica da Guerra Fria, nem devem negligenciar os resultados perigosos da mudança de regime e do caos influenciados externamente.



É sempre uma boa ideia refletir sobre a elegância tranquilo dos poemas de Tōge Sankichi, que assistiu à queda da bomba atômica em sua terra natal, Hiroshima, em 1945, e depois se juntou ao Partido Comunista Japonês para lutar pela paz. Em seu “Chamado à ação”, **Sankichi escreveu:**

estique esses braços grotescos

para os muitos braços semelhantes

e, se parecer que a luz pode cair novamente,

sustente o sol amaldiçoado:

mesmo agora não é tarde demais.

Cordialmente,

Vijay